

Trem fantasma

José Eli da Veiga

Valor - sexta, 28 de outubro de 2022, p. A23

Pecou por excesso de otimismo o texto “Nova redemocratização”, publicado, aqui, na antevéspera do primeiro turno (*Valor*, 30/9/2022). Foi produto da vã esperança de que estaria mais próximo o fim desta brutal interrupção do processo civilizador.

A contagem dos votos demonstrou, cabalmente, que permanece bem robusta a predileção da sociedade brasileira por seu lado mais tenebroso. Entre as incontáveis evidências, destaca-se a lista dos novos senadores. Em boa parte, favorecidos pela ingênua dispersão dos adversários, como os casos de Damares, escolhida por apenas 27% dos eleitores brasilienses, de Romário, por 29% dos fluminenses, ou de Moro, por menos de 34% dos paranaenses. Porém, alguns conseguiram quase a metade - como o astronauta paulista e, outros - até folgada maioria, caso da agrônoma sul-mato-grossense. No total, os tenebrosos eleitos tiveram o dobro da votação dos arejados.

Vale lembrar que ótimos analistas repetiam, desde 2019, que só aumentava o número dos que estariam indignados com o governo. Porém, o que o primeiro turno mais mostrou foi que, ao contrário, é bem diminuta a rejeição às atrocidades minuciosamente descritas no livro *Diário da Indignação*, da jornalista Celina Côrtes (Editora Rebento) e em seu site: <http://sairdainercia.blogspot.com/>

Pesquisas sobre motivações, com respostas espontâneas e múltiplas, indicam que tirar o atual presidente só é o principal motivo de 18% dos inclinados a votar em Lula, e a ladroeira a ele atribuída só mobiliza 22% dos favoráveis a Bolsonaro. Somados, estes nem chegam a um quinto do eleitorado, enquanto tende a 40% o peso dos que dizem estar bem satisfeitos com o que estamos amargando, desde o início de 2019.

Então, mesmo que os resultados do segundo turno para a Presidência da República venham a contrariar a ambição autoritária (chance de 76,7%, segundo modelo da FGV), imprescindíveis iniciativas de redemocratização podem ser travadas por Congresso, governadores e assembleias legislativas. A propensão ao despotismo mostra-se muito mais persistente do que faziam supor abundantes prognósticos de atenuação. É bem consistente a base social do projeto de abolição do pacto de 1988.

[Propensão ao despotismo é muito mais persistente do que abundantes prognósticos de atenuação supunham]

Muitas das interpretações sobre isto tudo insistem que o fenômeno nada tem de contingente ou nacional, chamando a atenção para o medonho trem fantasma, do qual o Brasil é o último vagão. Formado por Hungria (desde 2010), Turquia (desde 2014), Índia (desde 2014), Polônia (desde 2015), Estados Unidos (2017-2021), Itália (2018-2019 e, agora, com a estranha Meloni). Algo inédito, pois, desde a segunda década do século 19, só golpes e regimes de força interrompiam o pluralismo centrista das democracias constitucionais, entre os quais nazismo e fascismos, na “era dos extremos”.

Na normalidade, os centristas costumavam garantir certa alternância entre as políticas tendentes a reduzir ou prolongar desigualdades sociais. Além disto, nas principais democracias, a própria esquerda chegou a fortalecer teses liberais, na segunda metade do século 20, deixando o centro atordoado entre os mutantes liberal-socialismo e liberal-conservadorismo. Sequer faltaram episódios em que governos de esquerda tomaram iniciativas de direita (Tony Blair) e vice-versa (Angela Merkel).

Enquanto não surge uma teoria que explique a força de tração do trem fantasma, é aconselhável dar muita atenção às análises empíricas de cada uma das dinâmicas que esvaziaram o centrismo nas sete nações citadas. O que, para o Brasil, certamente, deverá passar pelo cruzamento dos trabalhos de dois excelentes pesquisadores da ciência política: Camila Rocha e Celso Rocha de Barros.

Camila Rocha tem feito ótima descrição analítica da ascensão ideológica e orgânica de um tipo de direita que deveria ser melhor conhecida e avaliada. Desde 2006, quando - na esteira do impacto do Mensalão - brotou o 'MEB' (Movimento Endireita Brasil), pulularam iniciativas similares. Bem antes de 2013, elas vinham sendo incentivadas e turbinadas por ONGs com ambição multinacional. Principalmente, a Atlas Network, fundada em 1981. Entre as várias publicações de Camila Rocha, destaca-se o livro *The Bolsonaro Paradox* (Springer, 2021), em parceria com Esther Solano e Jonas Medeiros.

Já no novíssimo *PT, uma História*, Celso Rocha de Barros oferece esclarecedora descrição analítica da ascensão e declínio de um tipo de esquerda que muitos supõem já conhecer bem. Desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), até os primeiros passos da atual campanha de Lula, dezesseis capítulos dão aulas magnas de história do Brasil. Mas, para os propósitos desta coluna, nenhum chega a ser comparável aos intitulados "Profissionalização" e "Comandando o atraso" (11º e 12º), recheados de pérolas sobre conchavos com inesquecível trio: Valdemar Costa Neto (PL), Bispo Rodrigues (Igreja Universal do Reino de Deus) e Roberto Jefferson (PTB).

De resto, é recomendável o ensaio "Esquerda versus Direita", no *Valor (EU&)* de 11/3/2016: <https://valor.globo.com/eu-e/coluna/esquerda-versus-direita.ghtml>

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: www.zeeli.pro.br